

## Vinicius Lummertz\*

### A nova guerra mundial é feita de linguagem

A política contemporânea é travada por narrativas, afetos e slogans. Wittgenstein anteviu esse conflito. E ele já é global. “O mundo é tudo o que é o caso”, escreveu Wittgenstein no início de seu Tractatus. Mas no século XXI, das redes sociais e da AI, talvez devêssemos reformular: o mundo é aquilo que se diz que é o caso, e o que se faz com essa linguagem.

A guerra global do nosso tempo já começou. Ela não foi formalmente declarada, mas seus efeitos se acumulam: polarização radical, erosão institucional, colapso do diálogo, identidades políticas intransponíveis. Não há tanques nas ruas, mas há palavras como armas. A linguagem se tornou o novo campo de batalha, e os jogos de linguagem descritos por Wittgenstein são a chave para entender esse fenômeno.

Segundo ele, não existe linguagem neutra: as palavras só têm sentido dentro de contextos culturais e usos sociais específicos, os chamados “jogos de linguagem”. Hoje, o que vemos são jogos incompatíveis em confronto direto, sem gramática comum que permita reconciliação. A política virou um choque de léxicos fechados. A paz do pós-guerra, moldada em Bretton Woods, na ONU, na OTAN e na diplomacia ocidental, foi construída sobre uma linguagem comum de um grande vitorioso. Essa linguagem se fragilizou com o tempo.

Donald Trump foi o pioneiro da linguagem performática na política recente. O slogan “Make America Great Again” não é somente uma tese, patriótica mas também um ritual identitário. Seu poder não está só na própria coerência, mas na repetição. O tarifaço contra o Brasil, por exemplo, não é uma política comercial racional, é uma narrativa de força geopolítica. Steve Bannon entendeu isso cedo: na era da guerra simbólica, ganha quem comanda o léxico. Essa parece ser a tese mais

radical de contraponto ao esquerdismo, como dizia Lenin, a doença infantil do socialismo.

No Brasil, o bolsonarismo replicou esse padrão. Palavras como liberdade e globalismo descrevendo ou não os fatos, dependendo das opiniões, constroem, todavia, realidades semânticas. São marcadores de pertencimento, ferramentas de mobilização afetiva.

Mas o mesmo se aplica à esquerda, especialmente à vertente identitária que se consolidou nos EUA e na Europa nas últimas décadas, e que foi importada, de forma acrítica, pelo Brasil. Esse novo progressismo se articula por meio de uma linguagem moralista, por vezes inquisitorial, que transforma qualquer discordância em opressão e qualquer crítica em ofensa.

A esquerda identitária, ao colocar raça, gênero, sexualidade e microagressões como eixos absolutos do discurso público, contribuiu para a desagregação da linguagem cívica comuns, o que levou o Partido Democrata americano ao paroxismo. Ao substituir a nação por identidades fragmentadas, criou o vácuo no qual a direita prosperou. A linguagem moral da esquerda funcionou, paradoxalmente, como escada para o seu oposto. Não é difícil entender por quê: quem moraliza o discurso, abre espaço para quem promete restaurar o “real”.

No fundo, tanto a esquerda quanto a direita com frequência agem como seitas. Wittgenstein já dizia: “A filosofia é uma luta contra o enfeitamento do nosso entendimento pela linguagem.” Hoje, esse enfeitamento é bilateral e no centro pode haver razão mas não há feitoço.

Há, porém, algo ainda mais perigoso no cenário atual: o discurso totalizante do fundamentalismo islâmico. Se a linguagem identitária da esquerda é uma igreja moral e a da direita é um culto político, o jihadismo é uma teocracia bélica. No Oriente Médio, Hamas e

Hezbollah usam a linguagem do martírio, da resistência sagrada, da guerra santa. Seus discursos não se baseiam em diálogo ou valores universais, mas em códigos medievais absolutos, irracionais e inegociáveis. É uma gramática impermeável à política.

Do outro lado, Netanyahu usa a retórica da “defesa da civilização” para justificar ações igualmente simbólicas — e devastadoras. A guerra entre Israel e Irã (e seus representantes) é antes de tudo uma guerra de discursos, em que a linguagem precede a bala.

Na Rússia, Putin recorre à mitologia histórica — a “desnazificação” da Ucrânia, para justificar uma guerra de conquista. A mentira não importa: o que importa é que o discurso funcione dentro da gramática russa. Como em Wittgenstein: o sentido está no uso.

E o que fazem China e Índia? Jogam o jogo do silêncio. Xi Jinping e Narendra Modi se recusam a falar a linguagem ocidental. Para eles, a ambiguidade é poder. O Brasil do Itamaraty já rezou por essa cartilha pragmática. Wittgenstein, aliás, escreveu: “Do que não se pode falar, deve-se calar.” O silêncio, neste caso, é estratégico — e tão eloquente quanto qualquer discurso.

Essa nova guerra mundial não será vencida por força militar. Será vencida — ou perdida — nos campos da linguagem, da cultura, da informação. É uma guerra sem fronteiras fixas, sem tratados, sem rendição. E talvez sem fim.

Se não recuperarmos uma linguagem comum numa gramática compartilhada de humanidade, justiça e verdade, virá o colapso da política como prelúdio de algo muito maior para nós: a decomposição da própria civilização liberal.

Wittgenstein nos alertou: “Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo.”

\*Ex-ministro do Turismo, ex-presidente da Embratur

## EDITORIAL

### Os perigos das queimadas urbanas

As queimadas, frequentemente associadas a ambientes rurais e florestais, se tornaram uma ameaça silenciosa e devastadora nas áreas urbanas. O que muitos consideram uma forma rápida de “limpar” terrenos baldios e quintais, na verdade, desencadeia uma série de perigos que afetam diretamente a saúde pública, o meio ambiente e a segurança da comunidade. Com o clima cada vez mais seco e quente, a prática se torna ainda mais perigosa, transformando a fagulha de um fósforo em um incêndio de grandes proporções.

Um dos perigos mais imediatos das queimadas urbanas é a poluição do ar. A fumaça gerada pela queima de lixo, entulho, plásticos e vegetação libera uma densa nuvem de poluentes, como monóxido de carbono, material particulado e dioxinas. Essas substâncias tóxicas são inaladas pela população, agravando doenças respiratórias como asma e bronquite, e podendo causar irritação nos olhos, na garganta e no nariz. Crianças e idosos são os mais vulneráveis a esses efeitos, tendo sua qualidade de vida comprometida pela exposição contínua.

Além disso, as queimadas representam um sério risco de incêndios descontrolados. O fogo que começa em um terreno baldio pode facilmente se espalhar, atingindo casas, comércios e veículos. A proximidade com redes elétricas e de gás aumenta

a probabilidade de explosões e curtos-circuitos, o que pode levar a perdas materiais e, em casos trágicos, à perda de vidas. O trabalho de combate a esses incêndios sobrecarrega os bombeiros, desviando recursos que poderiam ser utilizados em outras emergências.

Do ponto de vista ambiental, as queimadas urbanas causam a destruição da biodiversidade local. O fogo mata a fauna e a flora presentes em áreas verdes, como pequenos insetos, aves e roedores, que são essenciais para o equilíbrio do ecossistema. A queima da matéria orgânica empobrece o solo, tornando-o infértil e suscetível à erosão. Além disso, as queimadas contribuem para o aumento do efeito estufa, já que a emissão de gases poluentes intensifica a camada de gases que retém o calor na atmosfera.

É fundamental que a sociedade entenda que a prevenção é o melhor caminho. A conscientização sobre os perigos das queimadas, o descarte correto do lixo e a denúncia de práticas ilegais são ações que podem salvar vidas e proteger o meio ambiente. As queimadas urbanas não são apenas uma questão de segurança, mas um problema de saúde pública e de preservação ambiental que exige a atenção e a colaboração de todos. O fogo que “limpa” hoje, pode queimar a nossa saúde e o nosso futuro amanhã.

### Cuidar da mente é cuidar do corpo

Em um mundo cada vez mais conectado e acelerado, onde a pressão por produtividade e sucesso é constante, a saúde mental emergiu como um tema central e inegociável. Longe de ser um luxo ou um sinal de fraqueza, cuidar da mente é uma necessidade básica para uma vida plena e equilibrada. Assim como exercitamos o corpo, precisamos nutrir e proteger a nossa mente, reconhecendo seus limites e buscando apoio quando necessário.

A saúde mental vai muito além da ausência de transtornos psicológicos. Ela engloba nosso bem-estar emocional, psicológico e social. Afeta a forma como pensamos, sentimos e agimos diante dos desafios da vida. Uma mente saudável nos permite lidar melhor com o estresse, construir relacionamentos significativos e tomar decisões conscientes, impactando diretamente nossa qualidade de vida.

O estigma em torno da saúde mental ainda é um obstáculo. Muitas pessoas hesitam em falar sobre suas dificuldades, temendo julgamentos ou incompreensão. É fundamental desmistificar a ideia de que buscar ajuda profissional, como a terapia, é algo para “pessoas com problemas graves”. Na verdade, a terapia é uma ferramenta poderosa de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, que nos ajuda a entender nossos padrões de pensamento, a lidar com emoções difíceis e a fortalecer nossa resiliência.

Existem cuidados diários que podemos incorporar à nossa rotina para fortalecer a mente. O autocuidado é um pilar essencial. Isso inclui desde hábitos simples como uma boa noite de sono, uma alimentação equilibrada e a prática regular de exercícios físicos, até momentos dedicados a hobbies e atividades que nos dão prazer.

## Opinião do leitor

### Clamor da fome

Mãos estendidas. Trêmulas. Quase esmagadas entre o sol avassalador. Nuvens parecem descer comovidas. A poeira, o choro entre empurrões e gritos. Latas, baldes, painéis misturam-se com vozes miúdas de rostos sujos e aflitos. Crianças compõem o cenário dantesco da fome em Gaza.

Vicente Limongi Netto  
Brasília - Distrito Federal

## Gustavo Tutuca\*

### Cerveja, identidade e desenvolvimento: a força de Petrópolis como Capital Estadual da Cerveja

Nesta sexta-feira, 1º de agosto, celebramos o Dia Internacional da Cerveja. E não há lugar mais simbólico no estado do Rio de Janeiro para homenagear essa data do que Petrópolis, cidade que carrega, por força de lei, o título de Capital Estadual da Cerveja.

Em 2017, tive a honra de apresentar e aprovar na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, junto com o deputado estadual Marcus Vinicius Neskau, a Lei nº 7.650, que reconhece oficialmente essa vocação tão presente na história, na cultura e na economia petropolitana. Mais do que um título simbólico, a lei consolidou Petrópolis como referência no setor cervejeiro, abrindo caminho para políticas públicas de incentivo ao turismo, à geração de emprego e à valorização da identidade local.

Petrópolis é o berço da cerveja no Brasil, abrigando desde 1853, até os dias atuais, a Bohemia, a cervejaria mais antiga do país. O município tem atualmente 22 cervejarias artesanais, além das fábricas da Petrópolis e Cidade Imperial e soube transformar sua

tradição em uma poderosa alavanca de desenvolvimento regional e econômico. Hoje, a Capital Estadual da Cerveja é também protagonista em eventos de grande porte, como a Bauernfest, que celebra a cultura alemã e atrai mais de meio milhão de visitantes, movimentando a economia e promovendo a cidade nacional e internacionalmente. Na edição 2025, foram consumidos na Bauernfest mais de 135 mil litros de cerveja, em 16 dias de evento.

A partir da sanção da lei, novas iniciativas puderam ser fomentadas, como a Rota Cervejeira do RJ, projeto da Secretaria de Estado de Turismo, que conecta Petrópolis a outros polos da região da Serra Verde Imperial, como Teresópolis e Nova Friburgo, criando experiências imersivas que misturam gastronomia, cultura e paisagens encantadoras. É o turismo como vetor de crescimento e interiorização da economia.

O mercado também responde com otimismo: o Rio de Janeiro ocupa hoje a 6ª posição nacional em núme-

ro de fábricas de cerveja artesanal. Segundo levantamento do Sebrae/RJ, o estado conta atualmente com 195 empresas dedicadas à produção de cerveja e chope. Outro dado relevante é que o Rio de Janeiro é o estado com maior dispersão de cervejarias do país, com 46,7% dos municípios fluminenses possuindo ao menos uma cervejaria registrada. Além disso, 17 municípios do estado já contam com dez ou mais cervejarias, o que demonstra o alcance e a força dessa cadeia produtiva em todo o território fluminense.

Que o Dia Internacional da Cerveja seja celebrado com responsabilidade, alegria e pertencimento. E que cada brinde feito por aqui também celebre a história, a cultura e o futuro de Petrópolis e do mercado cervejeiro em todo o estado.

\*Secretário de Estado de Turismo do RJ, deputado estadual e autor da Lei 7.650/17, que institui Petrópolis como Capital Estadual da Cerveja.

## O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA \* POR BARROS MIRANDA



### HÁ 95 ANOS: SEBASTIÃO LEME JÁ AVALIA RETORNO AO BRASIL

As principais notícias do Correio da Manhã em 31 de julho de 1930 foram: Tratado naval na Câmara dos Comuns é ratificado em

definitivo. Metalúrgicos e operários das fábricas de tecidos de Lille entram em greve. Terremoto no sul da Itália deixa a população aflita por

novos incidentes ambientais. Governo português avalia mudanças na equipe. Cardeal Sebastião Leme está perto de retornar ao Brasil.

### HÁ 75 ANOS: EDUARDO GOMES LEVA MULTIDÃO NO MATO GROSSO

As principais notícias do Correio da Manhã em 31 de julho de 1950 foram: Eduardo Gomes leva multidão às ruas de Cuiabá e faz um

discurso em defesa da nação. Diplomata soviético Jacob Malik presidirá o Conselho de Segurança da ONU, sob os olhares céticos das nações

latino-americanas. Ministério do Trabalho ficará isento nas eleições dos sindicatos, afirma o presidente Dutra.

## Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)  
Paulo Bittencourt (1929-1963)  
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)  
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)  
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br  
Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil  
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira  
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872  
WhatsApp: (21) 97948-0452  
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520  
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057  
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes  
Brasília - DF CEP 71736-202  
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.